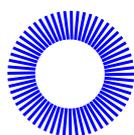


O presente futuro dos museus: da urgência à ação – o caso do Museu da República

Mario de Souza Chagas

Diretor do Museu da República

Brasil



Introdução

O texto que aqui se oferece é um singelo resumo da conferência de *não-encerramento* que apresentei no dia 28 de setembro de 2022, no âmbito do 10.º Encontro Ibero-americano de Museus (EIM), realizado na Cidade do México. Foi um encontro potente que reuniu mais de 200 pessoas da Ibero-américa e contou com a apresentação de palestras e comunicações, em espanhol e português, realizadas por filósofos, historiadores, antropólogos, sociólogos, educadores, museólogos, pesquisadores, professores, estudantes e trabalhadores de museus. O 10.º EIM comemorou os 50 anos da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972-2022), os 15 anos da *Declaração da Cidade de Salvador* (2007-2022) e, por sua vez, produziu uma notável *Declaração* assinada por representantes de 18 países da Ibero-américa.

O texto que aqui se oferece está composto por onze breves fragmentos, além da introdução e das considerações finais. Os mencionados fragmentos constituem um esforço de síntese, com certeza impossível, da conferência de *não-encerramento*. É impossível registrar num texto ou traduzir para qualquer outra linguagem a intensidade da experiência vivida. De qualquer modo, segue a síntese possível do que foi vivenciado e apresentado.



Saudações afetivas e carinhosas para todas e todos. Antes de tudo quero registrar a alegria de estar aqui e agora na Cidade do México, no Museo Nacional de Historia, no Castelo de Chapultepec, participando do 10.º EIM e de sua Reunião Intergovernamental. Tudo isso é muito significativo, emblemático e importante.

Tenho imensa alegria de estar aqui no México, cuja museologia tanto me inspirou e inspira para celebrar a vida e os 50 anos da Mesa Redonda de Santiago do Chile (MRSC).¹ Estar aqui e agora entre amigas e amigos da América Latina e da Ibero-américa produz em meu espírito uma epifania. As nossas formas de viver, refletir e praticar a museologia, constituem grandes avanços sociais. Nós somos o avanço e não a resistência; somos a (re)existência², a inovação museal. Nós construímos os processos de decolonização museal, inventamos novos museus e tudo isso é só o começo.

Quero inclinar-me reverentemente e saudar a memória de Mario Vázquez Ruvalcaba;³ quero saudar de modo especial e afetivo (os afetos são revolucionários) o amigo (permita-me chamá-lo assim) Alan Trampe Torrejón, presidente do Conselho Intergovernamental do Programa Ibero-museus; bem como Juan Manuel Garibay, Coordenador Nacional de Exposições do Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH) e representante do México no Ibero-museus. Neste mesmo diapasão quero saudar as trabalhadoras da Unidade Técnica do Ibero-museus, Mônica Barcelos e Mariana Soares, que acompanharam e foram decisivas no processo de obtenção do visto para o México; saudando-as saúdo, mais uma vez, a todas e todos que participam deste Encontro.

1 Ver a respeito da Mesa Redonda de Santiago do Chile a publicação do Ibero-museus (Nascimento Junior *et al.*, 2012). Volume 1 disponível em: <http://www.ibermuseos.org/pt/recursos/publicacoes/ mesa-redonda-de-santiago-de-chile-1972-vol-1/> e volume 2: <http://www.ibermuseos.org/pt/recursos/publicacoes/ mesa-redonda-de-santiago-de-chile-1972-vol-2/>

2 Termo inspirado no ciclo de webinários "Patrimônios, museus e (re)existências", organizado pelo Comitê de Patrimônios e Museus da Associação Brasileira de Antropologia durante o ano de 2020.

3 Um dos grandes museógrafos/museólogos do século XX, com projeção no século XXI. Nasceu em 1923 e faleceu em 2020. Foi diretor (1964-1989) do Museo Nacional de Antropología do México e participou ativamente da MRSC.



Fui convidado para fazer a palestra de encerramento, mas eu não gostaria de encerrar um Encontro tão potente, criativo e inspirador. Assim, quero manter esse Encontro vivo e bem iluminado e não encerrá-lo.

De qualquer modo, eu gostaria de compartilhar com vocês, ainda que de modo telegráfico (serei mesmo telegráfico), algumas reflexões acerca do tema proposto, mas desde já adianto: não esperem de mim um discurso bem-comportado e acadêmico (por mais respeito que eu tenha à academia). Não é isso o que quero fazer. Não é isso o que vou fazer.

É preciso mirar o passado para compreender e transformar o presente e o futuro. Há uma revolução necessária no passado. O passado não passou. O passado é um gerúndio – o passado é sendo. É necessário ocupar o passado para ocupar também o presente e o futuro.

A noção de tempo “tríbio” (acionada pelo polêmico antropólogo e sociólogo Gilberto Freyre) faz, neste momento, algum sentido (Miranda, 1989). Em qualquer fatia ou em qualquer Δx (delta x) de tempo há passado/presente/futuro.

É preciso de(s)colonizar o tempo. O tempo pode não ser uma sucessão de segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses e anos. O tempo pode não ser uma linha. O tempo pode ser um círculo ou uma esfera. O tempo pode ser um Deus ou uma Deusa, pode ser um Orixá (Iroko) ou um Inquice (Quitumbu) e pode ser também o inimaginável. O tempo pode ser apenas uma ilusão, capaz de gerar aprisionamentos; mas também é possível compreender que o tempo pode gerar liberdades. De algum modo, esse é (ou deve ser) o ofício do museólogo, do arquivista, do bibliotecário, do historiador, do cientista social e do filósofo comprometidos com a libertação das nossas humanidades, qual seja: escovar a história e os museus a contrapelo (Benjamin, 1996).

Síntese: Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que jogou hoje.⁴

4 Ditado lorubá.



II

Olhando para a Mesa Redonda de Santiago do Chile quero apresentar, ainda que em voo de pássaro, o contexto histórico de 1972. O mapa político-histórico-geográfico da América Latina em 1972, em perspectiva democrática, indica o Chile como inspiração; lá, na ocasião, tinha-se a oportunidade de vivenciar um governo socialista, democraticamente eleito.

Na América Latina, em 1972, o Chile configurava-se como uma ilha democrática cercada de ditaduras por todos os lados. O Chile acolhia exilados brasileiros e lá estavam Mário Pedrosa,⁵ Darcy Ribeiro,⁶ Thiago de Melo,⁷ Juca Ferreira,⁸ Fernando Gabeira⁹ e outros.

O ano de 1972 aportou para o Brasil e para o mundo muitas novidades, tragédias, tensões e contradições. No exílio, em Londres, Caetano Veloso gravou o emblemático e revolucionário disco *Transa*,¹⁰ o tropicalista Torquato Neto¹¹ suicidou-se e a libertadora Leila Diniz¹² morreu em acidente de avião. Nesse mesmo ano o presidente Richard Nixon¹³ foi reeleito e dois anos depois renunciou em decorrência do escândalo político de corrupção que ficou conhecido como Watergate. A renúncia teve o objetivo de contornar o inevitável processo de impeachment.

-
- 5** Mário Xavier de Andrade Pedrosa (1900-1981). Advogado, escritor, jornalista, crítico de arte. Foi o idealizador do Museo de la Solidaridad, no Chile, em 1972.
 - 6** Nasceu em 1922, em Montes Claros (MG), e faleceu em 1997 em Brasília. Foi antropólogo, educador e político.
 - 7** Amadeu Thiago de Mello (1926-2022). Um dos grandes poetas brasileiros, um ícone da resistência à ditadura militar.
 - 8** João Luiz Silva Ferreira (1949), conhecido como Juca Ferreira. Sociólogo e político brasileiro. Foi Ministro de Estado da Cultura nos governos Lula e Dilma.
 - 9** Fernando Paulo Nagle Gabeira (1941), jornalista, escritor e político em atuação.
 - 10** *Transa* é um LP gravado em 1971 no Chapel Recording Studios, em Londres, e lançado pela gravadora Philips, em janeiro de 1972.
 - 11** Torquato Pereira de Araújo Neto (1944-1972). Poeta, letrista e um dos idealizadores da Tropicália.
 - 12** Leila Roque Diniz (1945-1972) foi atriz brasileira e mulher libertária.
 - 13** Richard Milhous Nixon (1913-1994) foi o 37.º presidente dos Estados Unidos (1969-1974).



III

Entre 1972 e 2022 muita coisa aconteceu. O golpe de 11 de setembro de 1973, apoiado pelo governo norte-americano marcado pelo Watergate, atentou contra o Estado Democrático de Direito no Chile, impôs uma ditadura militar sanguinária, corrompeu as instituições democráticas e em termos museais interrompeu um processo extraordinário que passava pela Declaração de Santiago do Chile, mas também pela construção do Museo de la Solidaridad,¹⁴ que contava com a energia criativa de Mário Pedrosa.

Por mais que tenham havido tentativas de silenciamentos da MRSC o seu impacto na América Latina e um pouco por todo o mundo foi notável, especialmente a partir da década de 1980. Nesse sentido, merecem destaque as declarações de Quebec, Canadá e de Oaxtepec, México, ambas de 1984. A Declaração de Quebec é especialmente responsável pelo lançamento do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), que viria a ser fundado em 1985, em Lisboa, Portugal.

Em 1992, no âmbito da Eco 92, comemorando os 20 anos da MRSC foi realizado na cidade do Rio de Janeiro o I Encontro Internacional de Ecomuseus. Esse Encontro foi marcante e decisivo. Foi durante a sua realização que se firmaram parcerias entre professores e pesquisadores portugueses e brasileiros que se projetam até a atualidade, com grandes realizações em termos de pesquisas, cursos, seminários, teses, dissertações, publicações e mais.

Ao longo dos últimos 50 anos é possível testemunhar os avanços da MRSC, mas também é possível reconhecer os seus limites. Constitui, sem dúvidas, um grande avanço apontar na direção da função social dos museus, reconhecer o compromisso dos museus no combate às injustiças sociais, na defesa da educação permanente e assim por diante; todavia, limites podem ser identificados, na pauta liberal desenvolvimentista, na falta de uma perspectiva participativa, na orientação para a prática de uma museologia “para” e não de uma museologia “com” e muito menos de uma museologia “in-mundo” (Chagas, 2017).

¹⁴ Ver o site: <https://santiagodochile.com/museu-de-la-solidaridad-salvador-allende/>



IV

A retomada de uma perspectiva museal libertária na América Latina foi gradual e sistemática. Pode-se falar de uma museologia social, de uma museologia crítica, de uma museologia popular, de uma museologia decolonial, de uma museologia insurgente e insubmissa ou mesmo de uma museologia biófila, em oposição à necropolítica. O que importa reconhecer, em todos estes casos, é que se está falando de uma museologia que não se esgota no discurso, que não se aprisiona nas grades disciplinares de alguns procedimentos acadêmicos, mas que antes convoca a academia para assumir compromissos sociais e se ancora e se sustenta na vida prática, na práxis.

As tentativas de barrar os avanços da museologia social pipocaram no Brasil, especialmente na primeira década do século XXI, mas foram enfrentadas com rigor e sistemática, tanto na ordem do discurso quanto da prática. A multiplicação de experiências de museologia social pelo território brasileiro contribuiu para silenciar (ainda que temporariamente) as vozes mais recalcitrantes, especialmente aquelas que se camuflavam de neutralidade política e se mantinham à sombra de biombos pseudo-técnico-científicos.

É por isso que se pode dizer que no Brasil a museologia social traz o signo do avanço, da mudança, da inovação. A museologia normativa, conservadora, disciplinada é que é a resistência, a reação, o reacionarismo. Repetindo: somos a (re)existência.

Síntese: o passado, o presente e o futuro da MRSC – fazem parte da semente que explode no aqui e agora!

V

O avanço da museologia social a partir do início do século XXI foi radical. Olhando para o Brasil eu gostaria de dizer que é indispensável reconhecer a conexão da museologia social com a democracia. Não de uma democracia qualquer, mas de uma democracia participativa, radical. Nesse sentido, não basta democratizar o acesso do público aos museus, isso é bom, mas é pouco; é preciso, do ponto de vista da museologia social, democratizar a ferramenta museu, o meio de produção de museus. É preciso investir na cidadania cultural (Chauí, 2021) e reconhecer que o acesso à cultura e



à educação, o acesso às instituições culturais e educacionais não é igual para todos.

A pandemia contribuiu para escancarar as desigualdades, para escancarar o racismo estrutural e as práticas antirrepublicanas e necropolíticas.

Importa reconhecer o papel da Política Nacional de Museus, no Brasil, e seu impacto na Ibero-américa. Oxalá! Tenhamos condições de retomá-la em breve tempo, em outras bases, em outra escala, mas de modo potente, poético, pedagógico, ético e integrador.

Registre-se que o Programa Ibermuseum foi criado em 2007, na cidade de Salvador e que se celebra hoje o seu 15.º aniversário. Vida longa para o Ibermuseum! Muitos avanços foram realizados.

A museologia comprometida com a cidadania, com os direitos humanos, com a democracia, com o bem comum e o bem viver está bem ancorada na América Latina, isso não significa que se pode descansar e dormir em paz. Ao contrário, é necessário seguir em sua sustentação permanente e na defesa cotidiana da museologia biófila e não da necropolítica. É evidente que defender acervos e patrimônios que dialogam com processos identitários da ibero-américa é importante, mas, ainda assim, é preciso reconhecer que o nosso maior patrimônio é a vida, é o bem viver, são os ancestrais, são os rios, as florestas, os mares, a harmonia com a natureza. Esse é o nosso maior patrimônio. Viva o Sumak Kawsay! Viva o Tekó Porã!

Síntese: A museologia que não serve para a vida, não serve para nada! A museologia que não cuida da vida, não cuida de nada!

VI

A Declaração de Salvador, que comemorava os 35 anos da MRSC, é um dos documentos mais avançados da Ibero-américa no campo dos museus; ela nos dá uma boa base, um bom ponto de partida. Ainda assim, 15 anos depois, é preciso ir além e, nesse sentido, radicalizar o compromisso dos museus: com a educação; com a acessibilidade plena; com o combate ao racismo estrutural e ao racismo religioso; com a defesa radical da dignidade da pessoa humana, dos direitos humanos e da cidadania; com a defesa dos direitos dos povos originários, dos quilombolas, das comunidades tradicionais, dos favelados, da comunidade LGBTQIA+; com a defesa da natureza e dos direitos da natureza; com a articulação em redes (temáticas, singulares, municipais, estaduais e nacionais) de museus que podem



trabalhar a favor da construção de um futuro com mais cidadania cultural; com um trabalho sistemático a favor da democratização das mídias; com a afirmação de um museu comprometido com a produção de mais saúde, alegria, encantamento e felicidade e, portanto, a favor da museofilia! (Versiani, 2020).

VII

O futuro dos museus existe e reexiste no aqui e agora. Não há um futuro desconectado do presente e do passado. É importante lembrar que em qualquer fatia de tempo há passado/presente/futuro.

Existem urgências museais. Como partir da urgência para a ação? Como colocar em diálogo as universalidades e as singularidades? Como manter um diálogo fértil entre as pautas universais e as pautas identitárias?

Não se pode abrir mão das pautas identitárias, elas são urgentes e exigem ação. A fome é urgente. Combater os crimes ambientais é urgente. Lutar contra o racismo religioso e estrutural é urgente. Lutar e denunciar o genocídio do povo preto, do povo negro no Brasil é urgente. Apoiar a luta e lutar contra a dizimação sistemática dos povos originários é urgente. Combater os crimes praticados contra as mulheres e a comunidade LGBTQIA+ também é urgente.

Em meu entendimento, não se pode e não se deve abrir mão das pautas identitárias, elas são urgentes e fundamentais; mas é preciso abrir um diálogo criativo com as pautas universalistas que têm potência agregadora, que têm capacidade de produzir união e conexão a causas e lutas mais amplas e transformadoras, capazes de gerar benefícios sociais comuns.

Como produzir articulações e mediações entre o singular e o universal? Não se tem receitas, ainda que se tenha experiências concretas, experiências muito peculiares.

Quero falar de duas experiências recentes (e não foram as únicas) vivenciadas pelo Museu da República, na cidade do Rio de Janeiro, em tempos de pandemia:

1. a transferência da Coleção *Nosso Sagrado* do Museu da Polícia Civil para o Museu da República e
2. a transformação do Museu da República em Posto de Vacinação.



VIII

Havia urgência para transferir o *Nosso Sagrado* do Museu da Polícia Civil para o Museu da República. Mas, sobre o que se fala, quando se fala sobre o *Nosso Sagrado*?

Trata-se, a rigor, de um conjunto de 519 objetos sagrados pertencentes às religiões de matriz afro-brasileira que foram apreendidos pelo aparato policial, nomeadamente pela Polícia Civil do Rio de Janeiro, ao longo das seis primeiras décadas da República (1889 e 1946), com base no Código Penal de 1890, que criminalizava as práticas religiosas afro-brasileiras e as acusava de curandeirismo, charlatanismo, feitiçaria, baixo espiritismo e prática ilegal da medicina.

O Código Penal de 1890, publicado antes da primeira Constituição Republicana de 1891, é uma das principais evidências do racismo religioso legalizado.

A Coleção *Nosso Sagrado*, originalmente constituída como prova do crime que teria sido cometido pelos praticantes das religiões de matriz afro-brasileira (ainda que Mãe Meninazinha de Oxum questione de modo assertivo: Que crime nós cometemos? É crime cultuar os ancestrais? É crime cultuar os Orixás?), hoje – a mencionada coleção – é testemunha do crime cometido pelo Estado contra os adeptos das referidas religiões (Nascimento *et al.*, 2021).

O primeiro contato com a direção do Museu da República ocorreu em junho de 2018. Na ocasião a direção foi procurada por lideranças religiosas (lalorixás, Babalorixás, Ogãs, Zeladoras e Zeladores) além de professores, pesquisadores, estudantes e políticos para que se manifestasse a respeito do possível recebimento da Coleção *Nosso Sagrado*. A resposta imediata, com o pleno aval da equipe presente, foi sim. Três entendimentos, também de imediato, foram firmados:

1. O recebimento da Coleção *Nosso Sagrado* deveria ser compreendido como um gesto de reparação histórica e simbólica da maior importância, afinal, as ordens para a ação do aparato policial partiram do Palácio do Catete (então Sede do Poder Executivo) ou tiveram a conivência de quem estava lá na Presidência da República.
2. Para receber a Coleção seria necessário construir um processo de Gestão Compartilhada com a participação de representantes de



Terreiros, Roças, Barracões e Tendões Religiosas e tudo isso em virtude do reconhecimento da ignorância da equipe do museu no que se refere à lida com o *Nosso Sagrado*.

3. A luta pela transferência definitiva da Coleção deveria ter – como já vinha tendo – o protagonismo das lideranças religiosas e não do museu.

Os anos de 2018 e 2019 foram marcados por intensas tramitações burocráticas. No dia 21 de setembro de 2020, no auge da pandemia, a Coleção *Nosso Sagrado* chegou ao Museu da República e foi delicadamente ritualizada.¹⁵ A experiência da chegada do *Nosso Sagrado* ao museu permite a identificação de alguns pontos-chaves para caminhar da urgência à ação:

- a. A existência anterior de compromisso social e museal.
- b. A prática de escuta atenta.
- c. O reconhecimento da própria ignorância, associado ao interesse no saber que não se sabe (interesse no saber do outro) o que, por sua vez, leva à valorização do saber solidário ou da ecologia de saberes.¹⁶
- d. A disposição para lutar contra o racismo estrutural e especialmente contra o racismo religioso.
- e. Aceitar e deixar circular a potência museal a favor da transformação do mundo.
- f. Trabalhar cada vez mais a favor da gestão compartilhada das coleções e da própria instituição e abandonar a perspectiva da curadoria olímpica.
- g. Reconhecer que a instituição museal é (ou pode ser) pura potência.

IX

A transformação do Museu da República em Posto de Vacinação pode ser considerada uma reverberação da MRSC. Havia urgência para enfrentar a covid-19. O cenário brasileiro estava bastante complexo e, de algum modo, caótico. A vacinação contra a covid-19 começou nos

¹⁵ Ver o filme *Respeita Nosso Sagrado* (Sousa e Barbosa, 2021).

¹⁶ Expressão cunhada por Boaventura de Souza Santos.



dois primeiros meses de 2021, mas não contou com o apoio do chefe do Poder Executivo, ao contrário. A Presidência da República assumiu uma postura negacionista e fez oposição deliberada ao processo de vacinação e defendeu explicitamente e em larga escala a utilização de medicamentos de ineficiência cientificamente comprovada.

O Museu da República é um portal importante para a museologia social no Brasil, tanto que a recriação da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro aconteceu em 2013, em seu auditório denominado Apolônio de Carvalho. Assim, é compreensível que a transformação do museu em Posto de Vacinação tenha vindo por intermédio da museologia social.

De modo mais claro: em pleno sábado, no dia 22 de fevereiro de 2021, a direção do museu recebeu uma ligação telefônica de uma antiga parceira da Rede de Museologia Social, militante do Museu Sankofa – História e

Vacinas covid-19 no Museu da República aplicadas em 2021	
Mês de aplicação	Doses aplicadas
Fevereiro (a partir del 25-02)	2.024
Março	14.595
Abril	25.640
Maio	19.465
Junho	15.246
Julho	27.113
Agosto	34.100
Setembro	29.858
Outubro	28.066
Novembro (até o dia 6-11)	4.745
TOTAL DE 2021	200.852

Vacinas covid-19 no Museu da República aplicadas em 2022	
Mês de aplicação	Doses aplicadas
Janeiro (a partir del 19-01)	4.668
Março	10.869
Abril	10.354
Maio	4.093
Junho	10.463
Julho	12.447
Agosto	8.626
Setembro	99
TOTAL DE 2022	61.619



Memória da Rocinha, a senhora Maria Helena de Carvalho. Ela falava, na ocasião, em nome da Coordenação de Saúde da zona sul do Rio de Janeiro vinculada à Secretaria Municipal de Saúde. Ela procurava um espaço adequado para a vacinação contra a covid-19. A conversa foi rápida. O museu foi oferecido como possível Posto de Vacinação. A parceria foi firmada e, na quinta-feira seguinte (dia 25 de fevereiro de 2021), a vacinação foi iniciada no Museu da República. Para muitas pessoas, foi uma surpresa, mas para os que acompanham a dinâmica do Museu da República nos últimos anos, era apenas a afirmação de sua função social e a comprovação prática de que o museu deve servir à vida, deve cuidar da vida.

Num momento em que a maioria dos museus no Brasil estava fechada o Museu da República abriu-se como Posto de Vacinação. Em termos estatísticos os dados que temos sobre a vacinação no Museu da República são os seguintes:

Entre fevereiro de 2021 e setembro de 2022 foram aplicadas no Museu da República 262.471 (duzentas e sessenta e duas mil quatrocentas e setenta e uma) doses. Aplicar num único ponto de vacinação esta quantidade de doses não é uma tarefa simples; trata-se de um marco extraordinário.

X

Com professores e estudantes universitários (UFF e Unirio) foi criado um grupo de pesquisa denominado Etnografia da Vacinação. O resultado da pesquisa está disponível no site do Museu da República. A publicação, como se pode ver, inclui artigos de estudantes e professores e um expressivo conjunto de fotografias registrando a atuação do Museu como Posto de Vacinação. Esta experiência permite, a seu modo, a identificação de pontos-chaves para caminhar da urgência à ação:

- a. A existência de compromisso social e museal com a vida.
- b. A prática de escuta atenta.
- c. O rompimento com a museologia normativa e com a necropolítica.
- d. A ação concreta em defesa da vida. É possível ser, ao mesmo tempo, Posto de Vacinação e Espaço de Exposição.
- e. A contribuição a favor da articulação entre cultura, museu e saúde.



- f. A valorização do trabalho em Rede e o reconhecimento e a afirmação dos museus sociais como espaço de cidadania, democracia e direitos humanos.

Partindo da urgência para a ação, além de ter se transformado em Posto de Vacinação, o Museu da República também distribuiu cestas básicas. Neste quesito os museus sociais no Rio de Janeiro foram exemplares e foram mais longe. Enquanto o Museu da República distribuiu um pouco mais de 2000 cestas básicas, o Museu Casa Bumba Meu Boi Raízes do Gericinó, localizado em Bangú (RJ) distribuiu mais de 11 mil cestas básicas e o Museu da Maré (RJ) distribuiu mais de 30 mil cestas básicas entre 2020 e 2021.

No parágrafo anterior foi utilizada a expressão museus sociais. Detenho-me aqui para uma rápida reflexão. Nos documentos da MRSC aparecem pelo menos três conceitos distintos: museu integral, museu integrado e museu social. A provocação para a criação de um novo conceito de museu para a América Latina nasceu com Mario Teruggi, da Argentina.

É importante compreender que existem distinções entre o museu integral e o museu integrado, esses dois conceitos não são sinônimos (Chagas, 2018). O museu integral guarda um desejo de totalidade e ancora riscos e perigos bastante graves, como se sabe nenhum museu é total. O museu integrado é parte, quer ser parte. O museu social, por sua vez, guarda a potência das relações criativas (poéticas e políticas) com a sociedade.

XI

Cinquenta anos depois da MRSC, por mais que se tenha tentado silenciá-la, por mais que se tenha tentado esquecê-la, por mais que se tenha evitado divulgá-la, aqui estamos nós, no México, na terra onde as reverberações do Chile tiveram as primeiras e singulares aplicações pelas mãos de Mario Vázquez e pela potencialização do projeto *La Casa del Museo*, de tão boa memória.

Cinquenta anos depois da MRSC aqui estamos nós bem vivos e inventando novas poéticas e políticas e pedagógicas e pesquisas.

Cinquenta anos depois da MRSC aqui estamos nós reinventando novas possibilidades, reexistindo, produzindo inovações e novos caminhos.

Cinquenta anos depois da MRSC aqui estamos nós incansáveis projetando 50 anos à frente.



Considerações finais

Como já indiquei, não vou fazer uma conferência de encerramento. Recuso-me. Não vou assumir esse papel. Por mim, nosso Encontro continua aberto e se projeta para o futuro, partindo da urgência, transforma-se em ação.

Recuso-me a fazer dessa minha conferência um encerramento e por isso mesmo vou dizer um poema que depende da colaboração de todas e todos e todes. O poema que vou dizer só faz sentido quando é dito e vivenciado no coletivo, com a participação de um coro ativo. Vou dizer um verso e peço que todos vocês repitam: “do outro lado do rio”. Quando todos estiverem dizendo o verso “do outro lado do rio”, peço que todos mudem de posição, passem para o outro lado. Trata-se de uma performance coletiva. No final – eu serei o regente do coro – vamos nos encontrar num grande abraço coletivo.

Vamos ao poema:

a felicidade está

do outro lado do rio (*coro*)

o amor também está

do outro lado do rio (*coro*)

tudo o que eu quero está

do outro lado do rio (*coro*)

se eu estivesse lá

do outro lado do rio (*coro*)

o lado de cá seria

o outro lado do rio (*coro e abraço coletivo*)



Não. Ainda não acabamos. Agora vamos dançar em roda. Vamos dançar uma ciranda. Vamos movimentar e decolonizar nossos corpos. Vamos celebrar os ancestrais. Vamos dançar e cantar uma ciranda de Lia de Itamaracá.¹⁷

Minha ciranda não é minha só
Ela é de todos nós (bis)
A melodia principal quem guia
É a primeira voz (bis)

Pra se dançar ciranda
Juntamos mão com mão
Formando uma roda
Cantando uma canção
Depois da dança e da cantoria coletiva.
Agora sim. Nosso 10.º EIM está vivo e em movimento!
Palmas pra todas e todos nós.

Gratidão / Gracias!

¹⁷ Ciranda de Lia de Itamaracá, disponível em: <https://www.ouvirmusica.com.br/lia-de-itamaraca/399583/>



Referências

Benjamin, W. (1996). *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Chagas, M. (2017). Museus e patrimônios: por uma poética e uma política decolonial. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 35: 121-137. http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/revpat_35.pdf

Chagas, M. (2018). Museu Integral. Em Instituto Brasileiro de Museus, *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*, pp. 89-91. Brasília: IBRAM. <http://mariochagas.com/wp-content/uploads/2020/01/2museuintegral.pdf>

Chaui, M. (2021). *Cidadania Cultural: O Direito à Cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/08/chau_i_web_compressed-1.pdf

Miranda, M. do C. T. de (1989). Tempo e homem em Gilberto Freyre. *Ciência & Trópico* 17 (1): 41-50. <https://fundaj.emnuvens.com.br/CIC/article/view/429/315>

Nascimento, M. do [Mãe Meninazinha de Oxum]; Nascimento, N. N. [Mãe Nilce de Iansã], Versiani, M. H. e Chagas, M. (2021). A Chegada do Nosso Sagrado no Museu da República: "a fé não costuma faia". Em J. Primo e M. Moutinho (orgs.), *Sociomuseologia: para uma leitura crítica do Mundo*, pp. 73-102. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. <http://mariochagas.com/wp-content/uploads/2022/05/64nossosagrado.pdf>

Nascimento Junior, J. do, Trampe, A. e Santos, P. A. (orgs.) (2012). *Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972*. Vols. 1 y 2. Brasília: Ibram/MinC, Programa Ibermuseos.

Sousa, F. e Barbosa, G. (dirs.) (2021). *Respeita Nosso Sagrado* [Filme]. Quiproco filmes. <https://www.facebook.com/quiprocofilmes/videos/846492332769638/>

Versiani, M. H. (2020). *Meu Coração Bate Feliz: Seresta do Museu*. Rio de Janeiro: Ibram. https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Livro_Seresta_Meu-Coracao-Bate-Feliz_site-22052020-B.pdf